

“Sujeito homem corre pelo certo”: Notas sobre a articulação entre juventudes, masculinidades e mundo do crime

JOÃO VICTOR BORRI DE OLIVEIRA 

Universidade Federal de São Carlos | São Carlos, SP, Brasil

joliveira@estudante.ufscar.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe223970

resumo Partindo de uma pesquisa etnográfica com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto em São Carlos (cidade do interior de São Paulo), proponho uma reflexão acerca da categoria “sujeito homem”. Considerando a perspectiva de que existem múltiplas performances de masculinidades, foco em refletir como os elementos dessas masculinidades atravessam as práticas, sociabilidades e experiências no “mundo do crime” (Feltran, 2008a). Para isso, irei explorar a categoria de “sujeito homem” como um caso específico desse pensamento conjunto. O “sujeito homem” é um jovem adulto, que evoca signos de respeito, humildade, proceder e responsabilidade ao realizar sua performance. Além disso, a instituição onde esses jovens cumprem suas medidas socioeducativas é tomada como um território, e, por isso, proponho pensá-la como uma casa de homens com valores pautados na homosociabilidade.

palavras-chave Mundo do crime; masculinidades; medidas socioeducativas; “sujeito homem”; território

“Sujeito homem corre pelo certo”: Notes about youth, masculinities and the world of crime abstract

Starting from an ethnographic research with young people undergoing socio-educational measures in an open environment in São Carlos (a city located in the interior of São Paulo), I propose a reflection on the category 'subject-man.' Considering the perspective that there are multiple performances of masculinities, my focus is to explore how the elements of these masculinities permeate practices, sociability, and experiences in the “world of crime” (Feltran, 2008a). To do this, I will explore the category of “subject-man” as a specific case of this joint thinking. The “subject-man” is a young adult who evokes signs of respect, humility, proceder, and responsibility in carrying out his performance. Furthermore, the institution where these young people serve their socio-educational measures is seen as a territory, and for that reason, I provide insights to think of it as a house of men with values based on homosociability.

keywords World of crime; masculinities; socio-educational measures; “sujeito homem”; territory

Apresentação: O território socioeducativo na cidade de São Carlos

Era 28 de abril de 2022, uma quinta-feira de muito calor e céu aberto na cidade de São Carlos, interior de São Paulo. Esse dia finalmente havia chegado, estava ansioso há semanas e naquele dia ainda mais. Não havia conseguido visitar anteriormente o Salesianos para fazer trabalho de campo, já que estava fazendo minha última matéria do curso de graduação em Ciências Sociais na UFSCar. Luana, minha orientadora, já fazia visitas anteriormente a esta data, entretanto, como em breve ela sairia para fazer um



e223970

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe223970>

pós-doutorado na Universidade de Chicago, combinamos de realizar algumas visitas juntos. Particularmente, o fato de eu ter Luana por perto nesse primeiro momento me tranquilizava muito. Eu estava com medo de como lidar com as pessoas dali – tanto com os jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, quanto com as pessoas que trabalhavam lá. Muitos pensamentos me deixavam atordoado, e o fato de não saber como lidar com tudo aquilo me dava uma espécie de frio na barriga. Minha orientadora me ofereceu carona e eu aceitei. Me arrumei, lavei o cabelo e fiquei pronto, vesti uma calça marrom, sapato preto nos pés e uma camiseta preta. Pensei em ir com cores simples para não chamar atenção. Uma de minhas maiores preocupações e inquietações residia na minha forma de falar, me expressar e interagir. Como homem, gay e afeminado, estava com medo de ser alvo de chacota perante o grupo dos jovens. Nesse sentido, cenas de bullying que vivi em longas décadas no colégio começaram a perseguir minha mente.

Durante o caminho, Luana e eu conversávamos sobre o crime na cidade de São Carlos, e eu contava para ela minhas expectativas e inseguranças. Descemos do carro e Luana me explicava como as medidas socioeducativas em meio aberto eram aplicadas ali. Andamos por uma espécie de gramado muito bonito com estátuas, flores e fontes em meio à grama e ao concreto. Do meu lado esquerdo, havia uma quadra de esportes muito grande com várias crianças brincando; do meu lado direito, diversas salas que pareciam formar um grande corredor com divisórias – mais tarde descobri que lá ficavam a sala de jogos, os banheiros e o refeitório. Continuamos andando e entramos em uma pequena porta que dava para três locais: uma escada, um escritório e uma sala de informática. Subimos as escadas que nos levava para uma espécie de hall de entrada, que, por sua vez, desembocava em uma grande sala. Neste hall, havia um armário cinza e diversas artes: pinturas em papel canson, caixas decoradas com guache e adereços brilhantes, pinturas em telas, filtros dos sonhos e toalhas de pano decoradas com pinturas à mão. Luana me explicou que eram os trabalhos que os jovens desenvolviam durante as aulas de artes, e observando a delicadeza e cuidado daquelas obras, me senti reconfortado de alguma forma que não sei explicar. Talvez seja por conta do nível de afeto que aqueles trabalhos me transmitiam e me faziam pensar em diversas coisas sem ainda ter conhecido seus autores.

Quando entramos na grande sala, me deparei com várias pessoas que ali trabalhavam, e percebi – rapidamente – que em sua maioria eram mulheres. Luana me apresentou para todas e todos como seu orientando, que agora, junto a ela, acompanharia as atividades. De certa forma, foi ali que o “estranhamento”¹ (Peirano, 1995) começou. Mais tarde, esse estranhamento me proporcionou reflexões, a ponderação e a combinação entre teoria e empiria.

Essa etnografia se concentrou na observação participante das atividades rotineiras dos jovens que estavam em cumprimento de medida socioeducativas em meio aberto no Salesianos. Mas, afinal de contas, o que é o Salesianos? É a instituição que administra as medidas socioeducativas em meio aberto na cidade de São Carlos, além de muitas obras e campanhas de cunho social. Em 1999, o programa de medidas socioeducativas surgiu na

¹ Expressões grafadas entre aspas são êmicas, sejam citações literais de texto ou falas (literais) de meus interlocutores.

cidade a partir de uma articulação entre o diretor do Salesianos à época, Padre Agnaldo Lima, e o juiz da Vara da Infância e da Adolescência, João Galhardo (Schlittler, 2011). Ambos conseguiram um contrato com a Fundação Casa para que as medidas fossem aplicadas pelo Salesianos. Esse contrato possibilitou a contratação direta de orientadores que operariam as medidas socioeducativas em meio aberto e as propostas pedagógicas que iriam norteá-las (Zanchin, 2010). De acordo com a instituição, a missão do Salesianos é educar jovens através do sistema preventivo de educação, executando o exercício da cidadania bem como a incorporação de valores éticos e solidários no processo. São vários os serviços que o Salesianos oferece à comunidade da cidade de São Carlos, geralmente ligados ao acesso à cultura, informação, saúde, segurança e alimentação.

A observação participante, nos encaminha para uma experiência da proximidade (Geertz, 2009) onde o investigador se assume como um dos instrumentos do fazer etnográfico. Os momentos e situações que participei e vivenciei em oito meses de trabalho de campo me proporcionaram momentos ricos e detalhados. Estive não só no Salesianos como também em outros lugares: escolas de ensino médio e centro de esportes, museus e exposições. Assinalo, deste modo, que o fato de minha pessoa ter sido aceito, minimamente, na rotina das pessoas que estavam no Salesianos me permitiu compartilhar a melodia do anthropological blues (Da Matta, 1978).

*

Sendo assim, tomo esse espaço socioeducativo como um território específico onde são construídas performances de masculinidades. Para isso, volto a um achado empírico encontrado durante o trabalho de campo: o “sujeito homem”. Entretanto, é preciso fazer duas ressalvas. A primeira delas é identificar que esses jovens que tive contato vêm ocupando uma presença visível no mundo do crime (Cruz Silva, 2017), por exemplo, vendendo drogas ilegalizadas em esquinas. A segunda é reconhecer que suas experiências e performances de masculinidade não podem ser restringidas somente ao mundo do crime, mas, por estarem inscritos nos mercados de drogas ilegalizadas, eles lidam com expectativas, códigos, ambições e anseios específicos, e isso faz com que os elementos e signos constituintes de suas masculinidades flertem com elementos presentes no mundo do crime. Desta forma, o artigo se divide em cinco partes. Inicialmente, com a proposta de me localizar enquanto pesquisador, trago uma seção metodológica, tentando encarar os desafios produtivos dessa etnografia. Em seguida, apresento breves notas teóricas que orientam esse trabalho. Depois, narro três cenas que aconteceram em outubro de 2022, e analiso as dimensões produtivas do “sujeito homem” que levam em conta os signos de respeito, humildade, proceder e responsabilidade. Ao fim, evidencio, a partir do “sujeito homem”, como esse território pautado em relações de homossociabilidade entre jovens produz masculinidades específicas.

Localizar e ser localizado: Lidando com os “hóspedes não convidados” do trabalho etnográfico

Conforme Da Matta nos orienta, durante o nosso fazer devemos lidar com os “os hóspedes não convidados da situação etnográfica” (Da Matta, 1978: 30). Eu sou um jovem de 23 anos, hoje fazendo pós-graduação, mas na época desta etnografia estava fazendo

graduação. Tenho mais ou menos um metro e sessenta centímetros, sou preto, gay e de voz afeminada. Como havia dito, uma das minhas preocupações era a minha própria identidade frente aos jovens com quem eu iria ter contato. Mais tarde, semanas depois de começar meu trabalho de campo, percebi que eu deveria ficar calmo e me comportar da minha própria maneira. Deveria me permitir sentir o que fosse conveniente em cada momento, afinal, as imersões em campo nos trazem a possibilidade do aparecimento dos sentimentos e isso faz parte da pesquisa (Gomes e Menezes, 2008). Nesse sentido, seguindo os passos de Haraway (1995) acredito que devemos nos situar em nossos textos e em nossas pesquisas, afinal, nossas experiências, nosso gênero, nossa sexualidade (e vários outros fatores) atravessam nossos trabalhos. Deste modo, as experiências em campo também são influenciadas por esses critérios.

Nessa jornada, duas pessoas foram fundamentais no meu processo de entrada em campo: Roberta e Luciano, ambos orientadores de medidas socioeducativas. Luciano era um homem alto, negro, tinha mais ou menos um metro e noventa centímetros, olhos pretos, barba com cavanhaque e pouco cabelo. Roberta aparentava ter um metro e setenta centímetros, cabelos lisos com mechas loiras, usava óculos e tinha olhos castanhos. Eu frequentava o Salesianos todas as semanas para entender a rotina, as dinâmicas e a lógica das pessoas que ali estavam. Durante esses meses, acompanhei as aulas de artes e pude participar dos processos da PSC (Prestação de Serviços à Comunidade) sobre “direito à cidade”. Nessa PSC, os jovens produziram uma espécie de banner com os três melhores “campinhos” de futebol espalhados pela cidade de São Carlos. Nesse banner, foram colocadas fotos dos campinhos que foram selecionados pelos jovens e suas características: o estado geral que se encontrava o local, a oferta de bebedouro, o estado do gramado e a oferta de banheiros. Além disso, participei das atividades na academia, dos grupos de jogos, dos lanches e de alguns ensaios musicais. Concomitante a isso, tive conversas e discussões informais com os orientadores de medidas que versaram sobre diversos assuntos relacionados aos jovens atendidos e ao programa de medidas socioeducativas.

Mesmo retraído em alguns momentos, tentava conversar e construir uma aproximação com os jovens. Além disso, seguindo os passos de Schlittler (2011), pude observar que conversar com os orientadores de medidas socioeducativas era promissor, no sentido de entender a história dos jovens, suas trajetórias e histórias familiares. Os orientadores de medidas socioeducativas, durante o cumprimento da medida, ficam em contato com toda a rede que circunscreve o cotidiano dos adolescentes: a família, a escola, os assistentes sociais e os juízes.

Um dos jovens que tive contato se chamava Carlos Eduardo. Ele era branco, tinha mais ou menos um metro e cinquenta centímetros de altura, tinha olhos castanhos, cabelo liso e bochechas proeminentes. Carlos Eduardo estava no segundo ano do ensino médio. Tinha atitudes infantilizadas e era um jovem que brincava bastante com todas as pessoas. Durante uma das atividades da PSC que participei, enquanto eu ajudava os jovens procurando recortes em revistas, Carlos Eduardo conversava comigo:

Carlos Eduardo: [...] ow João, esses dias eu acho que vi você lá no ponto de ônibus do mercadão, tá ligado... ali na frente do pastel d' Amélia.

João Victor: Sei sim, ali perto do banco Bradesco. Mas acho que não era eu não, Carlinhos. Faz muito tempo que não passo lá por perto.

Carlos Eduardo: Mas, nossa, parecia muito você, cabelo bem preto, enroladinho, meio gordinho [...] Eu até gritei: “eai jão”, mas você nem olhou pro lado. Aí eu deixei quieto.

João Victor: Mas não era eu não, acho que devia ser outra pessoa parecida comigo.

Carlos Eduardo: Mas se fosse eu, você teria respondido, né?

João Victor: Claro que sim, né, Carlos? Tô aqui toda semana, a gente conversa, troca ideia de boa, por que não te responderia?

Carlos Eduardo: Ah [pausa pensante durante segundos], é verdade, né...

A fala de Carlos Eduardo, “mas você nem olhou pro lado”, se referia a uma característica nada apreciada pelos jovens: a de não ser humilde. Essa característica se expressa em atitudes como não cumprimentar, desqualificar o outro e fenômenos do mesmo tipo. Meu interlocutor insistiu que era eu quem ele havia visto, mesmo tendo negado sua informação numa primeira vez e dizendo que não era possível que fosse eu. Perguntar a Carlos Eduardo “porque não te responderia?” foi decisivo para a interação mútua, pois nesse exercício dialógico ele se deu conta de que havia uma relação de respeito e consideração. De outro ângulo, é interessante pensar que essas trocas com os jovens pressupunham uma espécie de relação, e é nessa relação que se delimita os próprios conteúdos dessas trocas, ou seja, é como se um jovem se performasse em relação aos outros jovens e a mim. Acredito que Goffman (1983) nos ajuda a entender isso, observando que é uma relação que pressupõe uma resposta – um se performa em relação ao outro.

A não interação era um medo duplo. Com o passar das idas semanais em campo, pude perceber que eu não era um motivo de chacota ou riso, como bem temia por conta de minha orientação sexual e de minha forma afeminada. No início, os jovens eram quietos e distantes, mas, depois de me verem frequentemente, começaram a ser mais maleáveis: conversavam, contavam suas histórias, e até mesmo me pediam conselhos. Uma relação finalmente havia sido criada. Percebi, desta forma, que desnaturar e romper barreiras era natural para aos poucos o gelo ser quebrado.

Breves notas teóricas

Se valer da juventude enquanto objeto empírico sugere-nos compreender as complexidades e singularidades que marcam esse grupo social, tomando-os sobretudo como sujeitos sociais ativos nas dinâmicas em sociedade. Me amparo em um amplo debate presente neste campo teórico que aponta que há diferentes maneiras de “ser jovem”, e que estas maneiras estão relacionadas à heterogeneidade econômica, social e cultural, e a marcadores sociais da diferença, que fazem com que as identidades transitem, tendo em vista as possibilidades, performances e condutas diferentes (Corrochano, Souza, e Abramo, 2019; Medan, 2014; Dayreel, 2007; Motta, 2017). Dentro deste escopo, a juventude é tomada não biologicamente, mas como uma categoria construída social, cultural e politicamente. A expressão “juventudes”, grafada no plural, passou então a ser empregada

como forma de enfatizar que indivíduos jovens, na verdade, têm experiências plurais, desiguais e multifacetadas, ou seja, cada um experimenta a realidade social de determinada forma. Marcadores como gênero, classe, raça e território são, portanto, fundamentais para compreendermos as experiências juvenis em sua multiplicidade, afinal, os marcadores sociais de diferença afetam todas as relações sociais, especialmente quando entendidos de modo indissociável e interseccional (Piscitelli, 2008). Neste trabalho, focarei na dimensão de gênero, sobretudo nas masculinidades.

Os estudos de gênero e sexualidade ganham uma nova roupagem com o trabalho de Judith Butler (2003). Um aspecto muito importante de sua teoria é a crítica acerca da distinção entre sexo e gênero. As primeiras interpretações acerca do gênero o colocavam como algo construído socialmente, ao passo que o sexo seria uma dimensão natural e cromossômica. O argumento de Butler é que gênero não deve ser postulado e restringido à inserção cultural de significados ao sexo. Deste modo, o gênero marca o próprio aparato pelo qual se produzem os sexos, ou seja, sexo não é um dado objetivo provindo da natureza. O sexo, nesse sentido, não deve ser compreendido como uma manifestação biológica ou uma pulsão natural do corpo. Desta perspectiva, observamos que não devemos entender o conceito de gênero como um modelo rígido e estável de identidade. Diferente disso, a identidade de gênero, argumenta a autora, se faz ao longo do tempo, por meio de repetições de atos (Butler, 2003). Esses atos devem ser compreendidos como performances compartilhadas entre os sujeitos, ou seja, uma “ação coletiva” (Butler, 2019).

É nesse escopo que o gênero começa a ser entendido enquanto uma atividade performada que possui um caráter incessante. E é no sentido da performance que aparece a noção central deste trabalho: as masculinidades. Se o gênero começa a ser entendido enquanto uma atividade performada, vale pensarmos o que jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto performam no que toca às masculinidades. Alguns trabalhos argumentam que o controle das emoções entre os jovens é um fator determinante para construir um homem adulto resistente, bem-sucedido, viril, dominante e ativo (Dias e Júnior, 2020). As masculinidades não são naturais como supostamente podem aparentar; ao contrário, são construídas e moldadas pelos fatores que nos afetam cotidianamente. Nesse sentido, existem múltiplas variedades de masculinidades (Baird, 2018) e essas masculinidades são multifacetadas e mutantes situacionalmente, ou seja, existem diversas masculinidades inseridas em diferentes contextos sociais, culturais, econômicos e políticos. Deste modo, ao tratar neste texto de “masculinidades performativas” de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, estou me referindo ao ato performativo desses jovens no que tocam suas masculinidades via os atos corporais, práticas, representações, enunciações linguísticas e gestos. O ato de performar pode ser entendido como um modo de visibilizar o gênero pelo corpo (Gusmão, 2022). Neste trabalho, performar ganha um novo sentido: é compreendido como a visibilização da masculinidade pelo corpo.

Por fim, o último campo teórico que alimenta essa proposta é composto por contribuições acerca do mundo do crime. A noção de mundo do crime vem sendo discutida ao longo das últimas décadas por diversos autores que foram convencionados como “etnógrafos do crime” (Feltran, 2008a, 2008b; Biondi, 2009). O principal deslocamento

comum dessas contribuições é a proposta de compreensão positiva das atividades e dinâmicas criminais, ou seja, pensando e refletindo o que o crime produz em relação às dinâmicas sociais, às moralidades, às transações econômicas e à regulação de condutas. Segundo Gabriel Feltran, a noção de mundo do crime procura dar conta dos códigos morais e éticos que são articulados em torno de um regime normativo – o regime criminal. Deste modo, mundo do crime é definido como sendo “o conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas e discursivas que se estabelecem, prioritariamente no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos” (Feltran, 2008a: 31). Nessa acepção, o termo “crime” não pode ser reduzido a ações passíveis de serem enquadradas em tipos penais, ao contrário, é importante olhar para as relações sociais que este termo produz e atravessa. Ainda é importante evidenciar que para aqueles engajados em atividades criminais, é preciso saber lidar com códigos éticos e condutas específicas esperadas ou demandadas (Dias, 2010; Grillo, 2013; Hirata e Grillo, 2019). Assim, “ser do crime” não se relaciona apenas ao fato de praticar atos ilícitos, mas é, sobretudo, saber dialogar com os elementos que conferem o “proceder” no mundo do crime (Marques, 2010).

Três acontecimentos de outubro e três performances do “sujeito homem”

Nesta parte do texto, apresento três cenas que aconteceram em outubro de 2022 e que compõem a performance do “sujeito homem” e que aqui é tomada como um caso específico (e particular) da intersecção de juventudes, mundo do crime e masculinidades.

Cena 01: Outubro de 2022 – Joaquim

Era uma tarde bem chuvosa e nublada. Cheguei ao Salesianos no horário de sempre, por volta das 14 horas. Havia descoberto que os ensaios para a mostra cultural que aconteceria em novembro de 2022 começariam naquele dia. Luciano (orientador de medidas socioeducativas), Joaquim, Marcos e eu fomos para uma sala onde seriam ensaiadas as músicas que seriam cantadas na apresentação (elas eram de autoria dos próprios jovens). A sala era bem pequena e aconchegante, com artes que os jovens faziam e paredes coloridas. Havia toda uma parte de montagem do equipamento que era do próprio Luciano, parte essa muito complicada que requeria certo conhecimento e paciência.

Enquanto o equipamento era montado, eu observava que Marcos estava muito ansioso e inquieto – suas pernas balançavam igual aos galhos das árvores em meio à ventania daquele dia. Marcos tinha cabelo preto e bem liso, não era muito alto, tinha por volta de um metro e cinquenta e cinco centímetros, era magro e negro, sua voz era abafada e baixa. Naquele dia, independente do frio, vestia um short azul marinho, um chinelo, uma camiseta branca e, por cima, uma corta-vento vermelha. Marcos ainda cumpria suas medidas socioeducativas na instituição. Já Joaquim, também presente, estava mais calmo. Joaquim era um jovem alto de mais ou menos um metro e setenta centímetros, tinha várias tatuagens no braço direito e um piercing na sobrancelha esquerda, era branco, sua voz era grave e alta. Naquele dia vestia uma calça estampada, um tênis branco e uma camiseta de time de futebol. Joaquim já era egresso do programa de medidas socioeducativas, mas

frequentava a instituição sempre que tinha alguma folga no trabalho, especialmente para conversar com Luciano, pedindo dicas sobre suas músicas e composições.

Estávamos a uma semana do segundo turno das eleições presidenciais, e esse tópico de discussão facilmente apareceu em nossa conversa, enquanto o equipamento era montado por Luciano. Com críticas ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, Joaquim contava que, no dia em que havia ido votar no primeiro turno, tomou um “enquadra” por dois policiais militares. Segundo ele, após passar o Parque da Saúde (um parque aberto com equipamento de lazer), os PMs, que já haviam passado duas vezes por ele e por sua companheira, estavam os esperando em uma rua mais isolada e com pouco movimento, local onde foram abordados. Esse parque não é na periferia mais afastada da cidade de São Carlos, entretanto, também não é no centro. Contava-nos que a abordagem não foi das mais calmas. Após perguntarem para onde eles estavam indo, começaram as revistas. Muito agressivo, o policial que conduziu a revista “pesava a mão”. O agente fez o jovem levantar a camiseta para conferir se estava realmente tudo certo. Como não haviam encontrado nada, ambos os policiais afirmaram ter confundido Joaquim com outro “ladrão” que andava pelas redondezas.

Joaquim: Como assim outro ladrão, eu não sou ladrão não, tá louco. Justo eu ladrão, acha ow.

Luciano: Nossa Joaquim, sinto muito pelo acontecido.

João Victor: Que situação horrível, sinto muito Joaquim.

Joaquim: Tava indo vota de boa e isso acontece, vai toma no cu. Por isso que esse cara [Jair Bolsonaro] tem que vazar [da presidência da república]... papo reto.

Após esse relato de Joaquim, nós conversamos um pouco mais sobre o governo desorganizado que foi o de Jair Bolsonaro, que em meio a uma pandemia perpetuou e propagou uma política de morte dotada da expropriação dos direitos. Depois disso, os ensaios começaram e Joaquim foi o primeiro a cantar sua música. Ele já tinha o *beat*, e a letra de sua composição já estava decorada. Abaixo estão algumas partes da música que Joaquim compôs para a mostra cultural – irei me ater a esses trechos na próxima seção deste texto.

Olha pros que vem de lá
 Voz ativa do gueto
 Põe o ** pra cantar
 Querem breçar o meu
 Grande respeito aos primeiros
 Sonhei pra concretizar
 Levo a responsa no peito
 Para revolucionar

Cadê a cultura do povo, prefeito?
 Nada feito

Não é querendo pagar
 Mas se for pra contar fica feio, desse jeito
 Quer so mente pensante na ideologia formada em direito
 Vai ver a favela em primeiro
 Sorriso, união dos parceiro

Sujeito homem corre pelo certo
 Mas certo
 Que quem luta na vida alcança
 Parasita dilui com o tempo
 O meu foco é ver as criança “di menor” já cheia de argumento
 Saudade do tempo de moleque
 Mãe dizia vai aprender na rua
 Aprendi ouvindo MC Kevin
 Sai das drogas que essa rua é escura

Cena 02: Outubro de 2022 – Carlos Eduardo

Conheci Carlos Eduardo no primeiro dia que fui realizar trabalho de campo no Salesianos. Ele era um jovem muito efusivo, e foi um dos jovens que melhor me recebeu naquele espaço. Era o fim do mês de outubro, aquela terça-feira estava bem ensolarada e um pouco quente. Cheguei no Salesianos e pude observar que todos já estavam na sala de jogos. Caminhei para me encontrar com os jovens que estavam junto de Luciano. Antes de entrar na sala, passei para pegar um pouco de água, afinal, eu havia caminhado até o Salesianos sem recorrer a carros de aplicativo ou ônibus. Ao entrar na sala, fui cumprimentando e apertando a mão de todos os jovens que estavam ali cumprindo medidas socioeducativas. Na caixa de som tocava uma música composta por um rapper que os jovens gostavam bastante, e que naquele momento estava em alta, seu nome era Felipe Ret. Como eu tinha acabado de chegar, Luciano sugeriu que jogássemos sinuca. Eu aceitei e logo começamos a jogar. Naquele dia, jogávamos eu, Luciano e Carlos Eduardo. Havia outros dois jovens que preferiram ficar jogando tênis de mesa. Enquanto jogávamos sinuca, conversávamos sobre o calor que fazia em São Carlos, muito diferente da semana anterior que estava relativamente fria. No meio da conversa, Carlos Eduardo nos falou que precisaria ir embora mais cedo, um pouco antes do seu horário de costume. Ele contou que, após ir embora, chegaria na sua casa e ajudaria sua mãe lavando a louça que estava na pia da cozinha. Além disso, iria varrer toda sua casa. Carlos Eduardo nos contava seus planos de maneira muito planejada e confiante. Segundo ele, sua mãe – rainha, como a chamava – era “firmeza”, e sempre que podia a ajudava nas funções e tarefas da casa. Ele disse que depois que ajudasse sua mãe, quando tudo estivesse limpo, iria aproveitar para pedir que ela o deixasse ir ao baile que teria na praça Calixto, localizada no bairro Cidade Nova.

Caso sua mãe negasse, Carlos Eduardo pediria ao pai, já que este era seu “parça”. Se o pai concordasse, não haveria problemas com a mãe, pois, segundo ele, “meu pai fala com ela e tá tudo tranquilo”. Ele terminou nos dizendo que sua mãe não gostava que ele

fosse aos bailes que aconteciam no Cidade Nova, já que ela achava muito perigoso para um garoto de sua idade estar por lá. Dizia ele que, para ela, os fluxos sempre terminavam com a PM, tinha violência e ele era muito novo para isso. Ao terminar de contar, com tom sarcástico, Carlos Eduardo nos dizia: “acha, sou novo nada, tá maluco [pausa] tem que aproveitar a vida”.

Cena 03: Outubro de 2022 – Samuel

Naquele dia, eu havia chegado um pouco mais cedo do que de costume, e pude acompanhar junto de Roberta a recepção dos jovens. Nós dois fomos para o pátio da instituição e ficamos esperando por eles. Geralmente, os jovens iam para o programa de medidas socioeducativas em meio aberto direto da escola, e por esse motivo chegavam com fome e sede. Logo que chegaram, Roberta ofereceu um lanche para eles que, sem pestanejar, foram rapidamente para o refeitório. No caminho até o refeitório, alguns conversavam sobre o tão aguardado recesso escolar de fim de ano. Alegavam já estarem cansados de todos os dias acordarem cedo. Entramos no refeitório e os jovens começaram a se acomodar, fossem nas mesas, nos bancos ou nas cadeiras almofadadas – que geralmente eram as preferidas por serem confortáveis. Fui ajudar Roberta a buscar os lanches na cozinha. Os jovens lancharam e logo em seguida subimos as grandes escadas para irmos à sala de artes.

Naquele dia, os jovens continuariam a trabalhar na PSC do “direito à cidade”. O objetivo era que eles produzissem uma espécie de zine (pequena revistinha autoral informando algo) sobre este tema. Nos dias de produção de atividades, como passávamos muitas horas dentro da sala de artes, os jovens conversavam bastante sobre suas vidas pessoais, seus sonhos e suas experiências. Todos nós nos sentamos em uma mesa redonda que ficava bem no meio da sala, fornecendo uma visão de todo o conjunto de jovens. Todos viam todos. Do meu lado esquerdo se sentou Roberta, do meu lado direito se sentou Samuel.

Os jovens, inicialmente, começaram a conversar sobre o motivo de serem baixos operadores no “corre”. As razões eram as mais variadas. Alguns jovens sugeriram que Roberta ligasse o computador para que eles colocassem suas músicas favoritas enquanto faziam a atividade. Roberta se levantou e foi atender ao pedido deles. Enquanto fazia desenhos e procurava recortes, Samuel, um jovem branco, louro e de olhos claros nos contava que o dinheiro que ele conseguia no “corre” trabalhando no tráfico, era um dinheiro “amaldiçoado”. “Não é um bom dinheiro, não vem de coisa boa, vem da desgraça”, ele falava. Samuel utilizava desse dinheiro, mas para ele este era traiçoeiro. Contava-nos que o dinheiro era importante, já que o ajudava e, principalmente, ajudava a sua “coroa” – forma como chamava sua mãe. Mãe solo, era somente a sua renda que abastecia a casa, Samuel e seu irmão. Com o dinheiro que ganhava, ele conseguia lidar com algumas despesas da casa, não deixando tudo para ela, que não tinha um serviço tão bom. Samuel terminou sua fala nos contando que sua grande vontade era conseguir um “trampo” bom e “decente” para continuar ajudando em casa e proporcionar melhores condições de vida para sua mãe e irmão. Além disso, a vontade de arrumar um trabalho melhor também era

motivada pelo amor que sentia por sua namorada, querendo poder sair mais para lugares legais e “mimá-la”.

As várias dimensões produtivas do “sujeito homem”

Anteriormente, apresentei três cenas da etnografia realizada no ano de 2022 com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto na cidade de São Carlos. A noção de “sujeito homem” foi explorada por Diogo Lyra (2013), em seu trabalho com jovens envolvidos na baixada fluminense no Rio de Janeiro – ou, como Michel Misse os chamou no prefácio, “os garotos armados do morro”. Ao analisar o motivo pelo qual cada jovem entra para o crime (traficando ou assaltando), Lyra contribui para o debate com a noção de “sujeito homem”. Observando o desenvolvimento dos garotos (infância, individuação e autonomia), Lyra percebe que os jovens estudados estavam buscando uma espécie de autonomia para então ser “sujeito homem”. É nesse sentido que emerge um sujeito moral, afinal, essa categoria é independente da idade, e está mais relacionada a códigos culturais e subjetivos, por exemplo: respeito, humildade e responsabilidade.

Esse sujeito moral possui em seu âmago uma série de deveres, direitos e atributos. Segundo Lyra “[...] a vida na favela concentra praticamente todas as referências individuais e coletivas do jovem ‘sujeito homem’” (Lyra, 2013: 99). O “sujeito homem” seria constituído por ideais de respeito, lealdade e independência. Em outras palavras, esse jovem cumpriria com deveres de adultos na comunidade em que vive. Além disso, a expectativa criada para com esse indivíduo era muito alta, afinal, seria necessário que o “sujeito homem” fosse “aprovado por seus colegas e patrão, [fosse] querido, temido e respeitado, e que [fosse] inclusive lembrado como uma peça importante da engrenagem” (Lyra, 2013: 104). Desta forma, podemos nos ater a cada uma das cenas apresentadas na seção anterior, visando elencar características do “sujeito homem” encontradas pelos jovens que estudei.

A narrativa de Joaquim (primeira que foi apresentada) nos permite evidenciar algumas características do que Lyra e, conseqüentemente, eu, chamamos de “sujeito homem”. Os versos destacados na música, são os mesmos que me proporcionaram boas reflexões acerca das performances do meu interlocutor. Naquele dia, após ouvir a música de Joaquim, fiquei pensando no que ele nos contou sobre o “enquadra” que tomou do agente militar quando estava indo votar.

Me atendo especificamente à letra da música, podemos observar os sonhos do “sujeito homem” e suas reivindicações como um ator social. Em ambos os “papéis sociais”, o “sujeito homem” é aquele que “corre pelo certo”. Como um reivindicador social, podemos observar que “os que vem de lá” também querem seus direitos, afinal, esses não devem ser exclusivos apenas para as “mentes pensantes”. A favela deveria estar em primeiro lugar. Uma espécie de revolução (de alguma forma, mesmo que cantada) estaria sendo verbalizada por essa música. Minha sensação é que esse verso evoca uma espécie de luta contra a criminalização da pobreza.

Além disso, esse sujeito, ou reivindicador social, já viu pessoas se arriscarem e serem respeitadas pelo sucesso alcançado, já que fica evidente que o sucesso não veio pelo caminho das drogas, pois esse “seria uma rua escura” e sem segurança. Por outro lado, podemos observar um “sujeito homem” de caráter sonhador. No papel de sonhador, o

“sujeito homem” aspira um lugar onde as crianças que são menores de dezoito anos tenham uma boa escolaridade e bons recursos para serem “cheias de argumento”, visando que um ciclo se conclua e que a favela esteja em primeiro lugar. A favela deveria vencer – para meu interlocutor.

Joaquim me disse, após cantar, que essa música seria para ele e para seu “bonde”, ou seja, trata-se de experiências e expectativas reais. Observamos, de certa forma, que são os sonhos, reivindicações e ações de Joaquim que perpassam essa letra. Essa faceta do “sujeito homem” que aqui está sendo exposta possui uma dupla correspondência: um sonhador e um reivindicador. Entretanto, independente da faceta, o “sujeito homem” necessita em primeira instância “correr pelo certo”.

A noção de “sujeito homem”, para os interlocutores de Diogo Lyra e para o estudo que aqui apresento, está estreitamente ligada à ideia de responsabilidade e proceder (Biondi e Marques, 2010). Proceder é o equivalente à normas que inicialmente foram circunscritas às prisões (com o PCC) e mais tarde às periferias. Seria um “conjunto de coisas tidas como ‘certas’ num regime de relação” (Biondi e Marques, 2010: 40). Adalton Marques (2009) afirma que o proceder está em várias esferas da vida social: “[...] nas ruas, nos campos de futebol de várzea, nas arquibancadas dos estádios de futebol, nas escolas, nos salões (danceterias), nas pistas de skate [...] nas letras dos rappers [...]” (Marques, 2009: 24). Além disso, segundo o autor, o “proceder” conduz as experiências do dia a dia bem como a vida das pessoas que estão dentro das cadeias. Desta forma, “proceder” não é considerado um verbo de ação, pelo contrário, é um atributo que está anterior ao sujeito – “o moleque tem proceder” (Marques, 2009). Por fim, é importante lembrar que para “ser do crime” se faz necessário um reconhecimento, e nem todos que estão inseridos nesses contextos possuem – obrigatoriamente – o proceder (Belusso, 2021).

Voltando aos casos de ótica semelhante, as narrativas de Carlos Eduardo e Samuel são bem parecidas, e até mesmo complementares, e de diferentes formas elucidam outras características e papéis sociais do “sujeito homem”. Em ambos os casos aparece uma figura em comum: a mãe. Essa figura ocupa um lugar especial na vida desses jovens, ora como uma rainha, ora como uma coroa, isto é, essa é uma pessoa do perdão e da gratidão. Além disso, a figura da mãe ocupa também um espaço mítico da possibilidade de redenção, ou seja, sendo uma figura mítica – ou até mesmo divina – ela seria a única que pode perdoar o jovem, além de Deus. Ela é a única capaz de redimir seu filho em momentos críticos da vida no crime. Nesse sentido, sendo quase uma figura mítica, o jovem deve encarar isso, e de alguma forma ajudá-la e auxiliá-la nos afazeres cotidianos. Durante meu trabalho de campo, percebi que uma das facetas desse “sujeito homem” seria uma espécie de “homem provedor” que zela por sua família, especialmente as mulheres – mães, avós, irmãs e namoradas/esposas.

Quando a figura do pai aparece nessa dinâmica, sempre está relacionada à ideia de uma pessoa permissiva, como observamos no caso de Carlos Eduardo. Deixa chegar em casa mais tarde, dá conselhos e incentiva a namorar – ou, como falam os jovens, “sair com as minas”. É importante evidenciar também que nem sempre o pai é uma figura presente na vida desses jovens e, por esse motivo, pode não aparecer nas narrativas. Tudo o que a mãe vai contra e proíbe (festas, mulheres, faltar a escola) o pai permite e detém uma

espécie de palavra final – uma carta na manga. Entretanto, a figura da mãe é muito mais importante que a do pai e irmãos, pois é para ela que a maioria dos gestos de cuidado e proteção são assegurados. É ela a redentora.

As histórias de Carlos Eduardo e Samuel são permeadas, nesse sentido, por noções de segurança e proteção. No caso de Carlos Eduardo, o fato do jovem ter dito que ajudaria sua mãe nos serviços da casa e depois lhe faria um pedido, inicialmente, me pareceu puro interesse. Evidencio também que, no decorrer da conversa, Carlos Eduardo também nos contava que seu pai não ajudava sua mãe com os serviços da casa, somente “trabalhava pra fora”. Nesse sentido, sua estrutura familiar era puramente tradicional: o pai trabalhava e conseguia dinheiro e a mãe era responsável pelas tarefas domésticas e afazeres com os filhos. De um lado fica claro que poderia haver o interesse de Carlos Eduardo para que a mãe o deixasse ir para o baile, mas, de outro, ele também percebia que a mãe precisava de ajuda com os afazeres domésticos, e por isso colaborava com sua “rainha”, afinal, ela era “firmeza”. De outro ângulo similar, no caso de Samuel conseguimos observar uma espécie de dicotomia entre sagrado e profano. O dinheiro que ele ganhava no corre era profano e amaldiçoado, entretanto, era utilizado para uma causa maior: ajudar sua mãe. Sua mãe não conseguia “manter” a casa sozinha, bem como cuidar de Samuel e seu irmão. Como filho mais velho, Samuel precisava de alternativas – não profanas – visando prestar ajuda para sua família. Para conseguir um bom “trampo”, Samuel contava que pensava em fazer um curso para “ser alguém na vida”. Essa seria uma solução para obter um dinheiro que não fosse amaldiçoado para, assim, continuar fazendo sua função como um “sujeito homem”.

Tanto a narrativa de Samuel quanto a de Carlos Eduardo trazem palavras como “rainha” e “coroa” para se referirem a suas mães de forma carinhosa e respeitosa. A masculinidade performativa neste caso está ligada a uma das facetas (ou papéis) do “sujeito homem”: a proteção e cuidado com suas mães. No caso de Samuel, a proteção refere-se mais aos recursos financeiros que proporcionariam uma vida melhor; no caso de Carlos Eduardo, embora podemos observar resquícios de determinado interesse, a proteção estaria ligada à ajuda doméstica para sua mãe, que ficava sobrecarregada com todo trabalho da casa.

Considerações finais

Neste artigo, apresentei em um primeiro momento a forma como cheguei à instituição onde os jovens cumpriam suas medidas socioeducativas. Após isso, realizei um posicionamento pessoal em meu próprio texto – quem eu sou, de onde eu falo, quais foram as inseguranças do trabalho de campo e como foram vencidas. Em seguida, apresentei uma pequena seção teórica, que visou solidificar as três temáticas interseccionadas nesse trabalho: a sociologia das juventudes, os debates de masculinidades e, por fim, as contribuições acerca do mundo do crime. O esforço analítico e teórico que existe tem por trás de tudo isso se resume em compreender a juventude positivamente, abandonando uma explicação pela falta, seja ela financeira, de visões de mundo, de perspectiva e de experiência.

Concluo que os modelos de masculinidades estão sempre se reinventando. Durante meu trabalho de campo, realizei diversas trocas com esses jovens e percebi infinitas possibilidades de como performar e se valer das diversas masculinidades existentes no mundo do crime. Vale dizer que essas masculinidades não se restringem apenas ao mundo do crime, mas também abrangem os mais diversos contextos sociais. Para ilustrar a proposta, analisei um caso específico: o “sujeito homem”.

De um ângulo, “sujeito homem” emerge aqui como uma aproximação entre os diferentes campos teóricos que visei articular, tomando como objeto empírico jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto na cidade de São Carlos. Neste bojo, o “sujeito homem” traça, constrói e organiza sua vida em busca de independência e realização por meio de códigos pautados em responsabilidade, respeito, proceder e humildade. As narrativas dos jovens que aqui foram contadas não são todas iguais. Cada um desses jovens estava em diferentes fases de suas vidas, embora compartilhassem – segundo minha perspectiva – de uma mesma performance: a do “sujeito homem”. É importante, também, a dimensão do território que é produtivo dessas masculinidades, ao mesmo tempo que também as produz e instiga.

O Salesianos aparece como um território onde o “sujeito homem” aparece como um caso particular do possível. É importante frisar que existe uma multiplicidade e uma variedade de performances de masculinidades (Baird, 2018) e essas performances são multifacetadas e mutantes. Neste papaer, tratei de apenas uma delas: o “sujeito homem”. É interessante pensar este território socioeducativo na cidade de São Carlos como uma espécie de casa de homens, com atitudes e condutas favorecidas pela homossociabilidade², nos termos de Welzer-Lang (2001). Essas relações sociais entre pessoas do mesmo sexo favorece as situações que foram narradas aqui: a busca de independência e realização por meio de respeito, humildade, proceder, responsabilidade perante os pares. É um território onde a homossociabilidade pode ser experimentada entre meus interlocutores, entretanto, essa masculinidade, assim como nos trabalhos de Vale de Almeida (1994), passa por avaliações a todo momento, todos falam e julgam sobre o comportamento do outro.

Para concluir, me parece interessante retomar a alegoria grega que Lyra (2013) recorre para descrever os “garotos do morro”. O mito grego conta que Faetonte recebeu como recompensa de seu pai (por não ter o conhecido antes de sua juventude) a realização de um desejo. Após pensar, Faetonte escolheu conduzir o carro do Sol, uma espécie de carruagem que pertencia ao seu pai. Seu sonho estava no esplendor e na adrenalina que a poderosa carruagem trazia, afinal, era ela quem fornecia luz para o mundo. Seu pai lhe cedeu o desejo, e quando Faetonte cruzava os céus, perdeu o controle da carruagem e acabou sendo extinguido por um raio. Para Lyra, os “garotos armados do morro” escolhem jornadas ambiciosas (e também perigosas) – assim como Faetonte com seu ousado desejo. Acredito que o “sujeito homem”, aqui traçado por mim, possa ser enquadrado nessa alegoria. O “sujeito homem” é um jovem adulto em busca por respeito, dignidade,

² A homossociabilidade pode ser explorada para analisar como indivíduos se agrupam com base no gênero e como esses grupos podem influenciar normas sociais, comportamentos e identidades. Por exemplo, homens e mulheres podem experimentar diferentes tipos de homossociabilidade ao longo de suas vidas, influenciadas por fatores culturais, históricos e estruturais.

responsabilidade e proceder – e para consegui-los não mede esforços. Esses signos são evocados para uma espécie de afirmação e (re)afirmação de suas masculinidades, que garante sua honra e compromisso perante seus pares e sua família, por exemplo. O território do socioeducativo aparece como um dos lugares onde isso é exacerbado, verbalizado e performado. Ou seja, é um território que, por trás, tem uma espécie de princípio de igualdade entre homens enquanto comunidade e enquanto grupo social.

Referências Bibliográficas

- Almeida, Miguel Vale de. 1994. “Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal.” *Anuário Antropológico*, vol. 20, n.1: 161–89.
- Baird, Adam. 2018. “Convertirse En El Más Malo: Trayectorias Masculinas de Violencia En Las Pandillas de Medellín.” *Estudios Socio-Jurídicos* 20 (2): 9–48.
<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/sociojuridicos/a.6817>.
- Belusso, Osmar Antônio. 2021. *O Envolvimento de Adolescentes Com o “Mundo Do Crime” e o Processo de Construção Social Das Masculinidades*. Dissertação (Mestrado) – Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre.
- Biondi, Karina. 2009. *Junto e Misturado: Imanência e Transcendência No PCC*. Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Biondi, Karina, and Adalton Marques. 2010. “Memória e Historicidade Em Dois “comandos” Prisionais.” *Lua Nova* 1 (79): 39–70.
<http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a04n79.pdf>.
- Butler, Judith. 2003. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Butler, Judith. 2019. “Atos Performativos e Constituição de Gênero: Um Ensaio Sobre Fenomenologia e Teoria Feminista.” *Journal of Chemical Information and Modeling* 53 (9): 1689–99. <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/>.
- Corrochano, Maria Carla; Souza, Raquel Souza; Abramo, Helena. 2019. “Jovens Ativistas Das Periferias: Experiências e Aspirações Sobre o Mundo Do Trabalho.” *Revista Trabalho Necessário* 17 (33): 162. <https://doi.org/10.22409/tn.17i33.p29373>.
- Dayreel, Juarez. 2007. “A Escola ‘Faz’ as Juventudes? Reflexões Em Torno Da Socialização Juvenil.” *Educação & Sociedade* 28 (100): 1105–28.
<https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTjJFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>.
- Dias, Camila. 2010. “Por Dentro (e de Dentro) Do Comando: O PCC Segundo o ‘Nativo.’” *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* 3 (8): 159–72.
<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7174>.
- Dias, Luciene, and Lázaro Júnior. 2020. “Margaridas e Masculinidades No Futebol.” *Periódicus - Revista de Estudos Indisciplinares Em Gêneros e Sexualidades*: 233–46.
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiódicus/article/view/35345/21734>
- Feltran, Gabriel. 2008a. *Fronteiras de Tensão: Um Estudo Sobre Política e Violência Nas Periferias de São Paulo*. Tese (Doutorado) – Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas.
- Feltran, Gabriel. 2008b. “O Legítimo Em Disputa: As Fronteiras Do ‘Mundo Do Crime’

- Nas Periferias de São Paulo.” *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* 1 (1): 93–126. <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7136/5717>.
- Geertz, Clifford. 2009. “Obras e Vidas: O Antropólogo Como Autor.” Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Goffman, Erving. 1983. “A Representação Do Eu Na Vida Cotidiana.” Petrópolis: Editora Vozes.
- Gomes, Edlaine de Campos; Menezes, Rachel Aisengart. 2008. “Etnografias Possíveis: ‘Estar’ Ou ‘Ser’ de Dentro.” *Ponto Urbe*, no. 3: 0–24. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1748>.
- Grillo, Carolina Christoph. 2013. *Coisas Da Vida No Crime: Tráfico e Roubo Em Favelas Cariocas*. Tese (Doutorado) – Antropologia Cultural, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas.
- Gusmão, Roney. 2022. *Entre a Performance e a Performatividade. Cadernos de Gênero e Diversidade*. Vol. 8. Bahia. <https://doi.org/10.9771/cgd.v8i2.48508>.
- Haraway, Donna. 1995. “Saberes Localizados: A Questão Da Ciência Para o Feminismo e o Privilégio Da Perspectiva Parcial.” *Cadernos Pagu*, no. 5: 07–41. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.
- Hirata, Daniel; Grillo, Carolina Christoph. 2019. “Crime, Guerra e Paz: Dissenso Político-Cognitivo Em Tempos de Extermínio.” *Novos Estudos CEBRAP* 38 (3): 553–71. <https://doi.org/10.25091/S01013300201900030002>.
- Lyra, Diogo. 2013. *A República Dos Meninos*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ.
- Marques, Adalton. 2009. *Crime, Proceder, Convívio-Seguro: Um Experimento Antropológico a Partir de Relações Entre Ladrões*. Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Universidade de São Paulo.
- Marques, Adalton. 2010. “‘ Liderança ’, ‘ Proceder ’ e ‘ Igualdade ’: Uma Etnografia Das Relações Políticas No Primeiro Comando Da Capital.” *Etnográfica* 14 (2). <https://doi.org/10.4000/etnogra>.
- Matta, Roberto Da. 1978. “O Ofício Do Etnólogo, Ou Como Ter Anthropological Blues.” *Boletim Do Museu Nacional*, 27. <https://revistas.ufrj.br/index.php/bmna/article/view/49240/26886>.
- Medan, Marina. 2014. “La Dependencia Estatal En Programas Para Jóvenes: ¿estigma o Factor de Protección?” *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 631–42. <https://doi.org/10.11600/1692715x.1228191113>.
- Motta, Luana Dias. 2017. “Fazer Estado, Produzir Ordem: Sobre Projetos e Práticas Na Gestão Do Conflito Urbano Em Favelas Cariocas.” *Tese (Doutorado) – Sociologia, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos*, 260.
- Peirano, Mariza. 1995. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Dumará.
- Piscitelli, Adriana. 2008. “Interseccionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras.” *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, 263–74. <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>.
- Schlittler, Maria Carolina. 2011. *No Crime e Na Medida: Uma Etnografia Do Programa de Medidas Socioeducativas Em Meio Aberto Do Salesianos de São Carlos*. Dissertação (Mestrado) – Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual

Paulista “Julio Mesquita Filho”.

Zanchin, Claudia Roberta. 2010. *Os Diversos Olhares Na Construção Das Medidas Socioeducativas No Município de São Carlos/SP*. Dissertação (Mestrado) – Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Welzer-lang, Daniel. 2001. “A Construção Do Masculino: Dominação Das Mulheres e Homofobia”. *Estudos Feministas* 9 (2): 460–82.

sobre o autor

João Victor Borri de Oliveira

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. É bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (2023), com ênfase em Sociologia e Ciência Política. Integra o Núcleo de Pesquisas Urbanas (NaMargem - UFSCar) e a equipe do programa de rádio "Às Margens da Cidade", projeto de extensão vinculado na Rádio UFSCar. Durante sua graduação, atuou como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET), além disso, realizou pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo CNPq (PIBIC). Em sua trajetória, tem se interessado em pesquisar temas voltados às juventudes, mundo do crime, medidas socioeducativas e masculinidades.

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Recebido em 05/09/2024.

Aprovado para publicação em 28/10/2024.